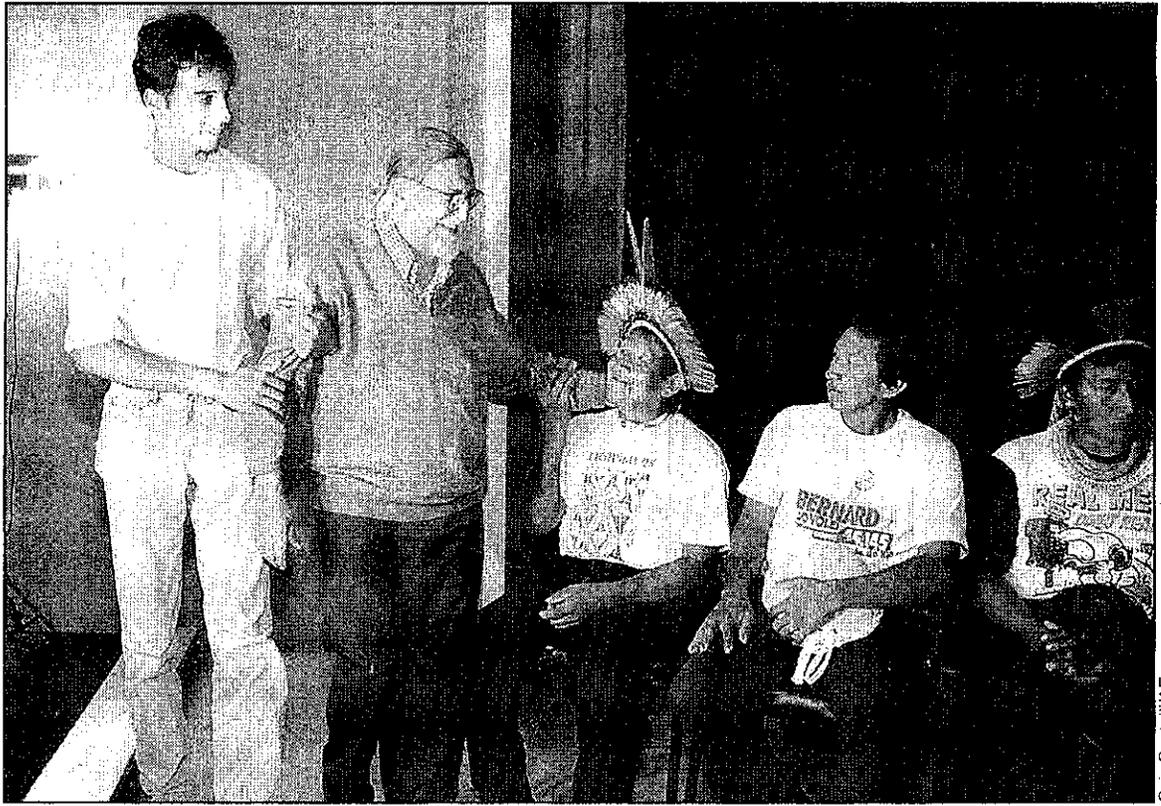


**QUESTÃO INDÍGENA**



Caio Gustelli/AE

*O antropólogo Orlando Villas Boas (de óculos) participou do encontro com lideranças indígenas*

# Líderes indígenas pedem mudanças no atendimento à saúde no Parque do Xingu

**LÍGIA FORMENTI**

Lideranças indígenas do Parque do Xingu reuniram-se ontem em São Paulo para fazer um alerta: se a atual forma de assistência à saúde não for alterada, haverá aumento de casos malária, tuberculose e doenças provocadas pela mudança no padrão alimentar, como hipertensão e diabetes. Atualmente, a saúde das tribos fica sob responsabilidade da Fundação Nacional de Saúde e da Fundação Nacional do Índio. "Não há coordenação nem entrosamento", afirma o líder dos caiabis, Yefuka. Problemas provocados pela fal-

ta de entrosamento são inúmeros. O médico sanitário da Unidade de Saúde e Meio Ambiente da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Douglas Rodrigues, dá um exemplo. A região do Xingu vive atualmente um surto de malária: são 30 casos em um grupo com 4 mil pessoas. "Era preciso fazer uma operação para eliminar os mosquitos; porém, a equipe está há quatro dias sem poder trabalhar por falta de combustível", contou. O número de registros de tuberculose também assusta. Somente em uma comunidade foram registrados 13 casos. As tribos reivindicam a formali-

zação dos distritos sanitários especiais indígenas. Essas unidades, que deveriam estar ligadas ao Ministério da Saúde, poderiam centralizar tanto ações preventivas como curativas. "Distritos como esse poderiam manter convênios e contratos com vários parceiros, como ocorre no caso da Unifesp no Xingu", afirmou a médica sanitária e antropóloga Sofia Beatriz Machado de Mendonça. A Unifesp mantém há 33 anos um trabalho de assistência à saúde na região. Nos últimos anos, foram oferecidos para índios cursos de treinamento para agentes de saúde.